Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

# O Ensino de Língua Portuguesa nas Escolas de Fronteira: uma análise da situação das crianças paraguaias em Sete Quedas-MS

**Silvia Antonia de Souza (UFGD)**
https://orcid.org/0009-0009-4879-7024
*silvi.nha10@hotmail.com*

**Resumo:** A educação nas áreas de fronteira tem sido amplamente discutida, e o número de pesquisas sobre o tema tem aumentado significativamente nas últimas décadas, especialmente no início do século XX. Nesse contexto, a presente pesquisa bibliográfica foca na educação escolar na fronteira Brasil - Paraguai, com ênfase em uma escola localizada no município de Sete Quedas-MS. O estudo visa compreender as dificuldades enfrentadas por crianças paraguaias em idade de alfabetização que atravessam a fronteira para estudar em escolas brasileiras, bem como sua inserção no contexto cultural multilíngue brasileiro e fronteiriço. A partir dessa análise, o objetivo é examinar as concepções teóricas e metodológicas relacionadas à educação em regiões de fronteira e descrever as particularidades e generalidades observadas nas histórias de vida desses alunos. O artigo buscará identificar as complexidades do contexto educacional nas escolas de fronteira e os desafios enfrentados pelos alunos. Os resultados sugerem que o artigo oferecerá reflexões importantes sobre a educação nas escolas de fronteira, onde alunos de diferentes países e suas famílias interagem, formando comunidades escolares únicas. Portanto, é essencial desenvolver ações e políticas que considerem as especificidades de cada realidade, garantindo que professores e alunos tenham voz e participação. Somente dessa forma será possível alcançar resultados positivos para todos os envolvidos na comunidade escolar. Assim, a realização de estudos como este é fundamental para melhorar o processo de ensino-aprendizagem em escolas de fronteira.

**Palavras-chave:** Ensino de línguas. Escola de Fronteira. Cultura**.**

**Abstract**: Education in border areas has been widely discussed, and the number of studies on the subject has increased significantly in recent decades, especially in the early 20th century. In this context, this bibliographical research focuses on school education on the Brazil-Paraguay border, with an emphasis on a school located in the municipality of Sete Quedas-MS. The study aims to understand the difficulties faced by Paraguayan children of literacy age who cross the border to study in Brazilian schools, as well as their insertion in the multilingual Brazilian and border cultural context. Ba-

sed on this analysis, the objective is to examine the theoretical and methodological conceptions related to education in border regions and to describe the particularities and generalities observed in the life stories of these students. The article will seek to identify the complexities of the educational context in border schools and the challenges faced by students. The results suggest that the article will offer important reflections on education in border schools, where students from different countries and their families interact, forming unique school communities. Therefore, it is essential to develop actions and policies that consider the specificities of each reality, ensuring that teachers and students have a voice and participation. Only in this way will it be possible to achieve positive results for everyone involved in the school community. Thus, conducting studies like this one is essential to improve the teaching-learning process in border schools.

**Keywords**: Language teaching. Border school. Culture.

## 1 INTRODUÇÃO

Na localidade em questão, as fronteiras do Brasil moldam relações e estratégias de vida, transformando-se em um espaço social e cultural onde diferentes povos e nações interagem. O foco principal está nas cidades de Sete Quedas, no Mato Grosso do Sul, e Pindoty Porã, no Paraguai, devido à sua posição geográfica e à influência que exercem sobre a educação, particularmente no processo de alfabetização e letramento das crianças.

Sete Quedas, situada no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil, está posicionada na linha da fronteira com o Paraguai, configurando-se como um espaço único onde diferentes culturas e identidades se entrelaçam. Essa localização estratégica coloca Sete Quedas em um contexto de constante interação entre os dois países, que, apesar de suas diferenças, compartilham histórias e experiências ao longo da fronteira. Essa relação histórica é marcada por uma dualidade entre "nós e os outros", destacando tanto as diferenças culturais e linguísticas quanto a rica diversidade presente na região.

Nesse ambiente fronteiriço, as identidades culturais são dinâmicas e resultam de um processo contínuo de negociação e intercâmbio. O convívio entre os povos brasileiro e paraguaio em Sete Quedas e em Pindoty Porã cria um ambiente social e cultural que desafia as barreiras nacionais, promovendo uma identidade fronteiriça que transcende os limites geográficos e favorece o intercâmbio de saberes, práticas e tradições.

A educação, especialmente no que se refere à alfabetização e letramento das crianças, é profundamente afetada por esse contexto fronteiriço. A proximidade entre Sete Quedas e Pindoty Porã permite que crianças, muitas vezes de origem paraguaia, atravessem a fronteira em busca de melhores oportunidades educacionais. No entanto, essa transição apresenta desafios significativos, uma vez que as diferenças linguísticas e culturais podem dificultar a inserção dessas crianças no sistema educacional brasileiro, afetando seu aprendizado e integração social.

Além disso, a diversidade cultural e linguística da região demanda que os educadores possuam uma formação adequada para lidar com essa complexidade. As escolas de Sete Quedas, ao receber alunos de diferentes origens, devem desenvolver metodologias que respeitem e valorizem as particularidades de cada criança, criando um ambiente inclusivo e acolhedor. Adaptar o currículo e as práticas pedagógicas para atender a

essa diversidade é essencial para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade.

## 2 FRONTEIRA

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE de 2021, Sete Quedas (BR) tinha cerca de 10.751 habitantes e está situada ao sul da região Centro-Oeste do Mato Grosso do Sul, estando a 472 km de Campo Grande (a capital do estado), e a 1.608 km da capital federal, Brasília; fazendo fronteira com Pindoty Porã, uma pequena cidade do Paraguai, localizada no departamento de Canindeyú. Apesar de serem países diferentes, basta aos moradores de ambos os países atravessarem uma rua que já estão tecnicamente em outro território, ou seja, constitui-se como fronteira seca, com leis, tradições e línguas diferentes.

Segundo a definição do dicionário Michaelis4 (2022), fronteira seca é o marco divisório entre dois países, sem a presença de rio ou lago. Neste sentido, Fiamengui (2017) corrobora que "As duas cidades [...] formam uma conurbação com fronteira seca, o que significa não haver nenhum acidente geográfico natural que lhes sirva de limite" (FIAMENGUI, 2017, p. 28).

Silva (2011) também traz uma concepção de fronteira dizendo que: Uma fronteira representa muito mais do que uma mera divisão e unificação dos pontos diversos. Vai além do limite geográfico. É um campo de diversidades. É o encontro com o "diferente" físico e social. E é nesse espaço que as relações se formam e se deformam. Completam-se e dão forma à diversidade, à cultura. Por meio de amizades e companheirismo formam-se famílias, amigos e irmãos. (SILVA, 2011, p. 63).

De acordo com Cunha (2020), que faz uso das palavras de Albuquerque (2005), "A palavra fronteira adquire uma variedade de sentidos no mundo contemporâneo. Utiliza-se este termo tanto no aspecto territorial, delimitando espaços geográficos ocupados pelos mais heterogêneos agrupamentos humanos, como no sentido simbólico" (CUNHA, 2005, p. 43). No mundo em que vivemos as barreiras e as fronteiras são móveis, caem e surgem, pertencem e não pertencem, vivem em movimento, e esse conceito já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade. Para Pesavento (2006), fronteira é:

> [...] sobretudo, encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície. Em suma, a fronteira é um marco que limita, separa e aponta sentidos socializados de reconhecimento. Com isso, podemos ver, mesmo nesta dimensão de abordagem fixada pela territorialidade e pela geopolítica, que o conceito de fronteira já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença (PESAVENTO, 2006, p. 10).

Neste contexto, a fronteira é entendida como um lugar de diversidades culturais e sociais na qual os indivíduos tentam se reconhecer, observam, comparam, identificam

[4] **Fronteira seca**: marco divisório entre dois países, sem a presença de rio ou lago.
Fonte: https://michaelis.uol.com.br › busca › português-brasileiro – Pesquisa em 14/05/2022

suas diferenças e criam opiniões sobre si e sobre os outros; tornando-se um espaço heterogêneo de si e dos outros. No âmbito destas discussões faz-se válido reconhecer também que as discussões sobre fronteira têm se tornado cada vez mais complexas, o que constitui a geopolítica das alianças e blocos econômicos baseados na instantaneidade da informação e da comunicação em geral.

O conceito de fronteiras no plural está relacionado a outras categorias de análise espacial, pois elas ocorrem no espaço geográfico e se insere no espaço social, intimamente ligado a transformações de sua própria sociedade, uma vez que ao longo dos tempos a humanidade está em constante transformação, hoje em dia a globalização interfere nestas transformações sociais, conectando realidades diferentes e culturas distintas.

Compreender o que acontece na fronteira é muito importante, pois se trata de um lugar de produção constante de cultura. A fronteira age como um filtro, nada se perde ou fica aquém. É o lugar dos confrontos linguísticos e culturais, da incompreensão, da tentativa de demarcação, separação, mas também é o lugar do diálogo, da mistura, da troca, que propiciam novas linguagens e novos códigos culturais. Por essa razão a fronteira está em constante ebulição cultural.

Viver em um espaço de fronteira confere uma relação única e pode representar uma importante conexão com o espaço que diferencia os lugares na fronteira. As fronteiras podem ser verdadeiramente compreendidas se analisadas a partir de uma perspectiva local, onde essas comunidades vivem e prosperam social, econômica e politicamente. Os fronteiriços veem a fronteira como sua casa, onde acontecem seu cotidiano, ritmo e relações afetivas, dando origem ao seu lugar.

## 3 ENSINO DE LÍNGUA NAS ESCOLAS DE FRONTEIRA

No Brasil, particularmente nas fronteiras entre Sete Quedas-MS e Pindoty Porã-PY, existe um cenário social multicultural. As crianças paraguaias, em sua maioria bilíngues, porque falam espanhol e guarani, atravessam as ruas/fronteiras para estudar em escolas brasileiras. Apesar de recebermos essas crianças nas escolas brasileiras, o ensino é predominantemente monolíngue. A diversidade linguística presente nessa região é algo bem característico.

Pereira (2014) afirma que:

> [...] há o uso corrente de três línguas: guarani, espanhol e português. É comum a travessia de crianças residentes no país vizinho deslocarem-se para estudar nas escolas brasileiras: elas, em geral, falam guarani e são alfabetizadas com base numa pedagogia monolíngue, em língua portuguesa (PEREIRA, 2014, p. 102).

A realidade educacional da fronteira tem sido um dos assuntos primordiais entre os países que fazem parte do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Muitos diálogos e acordos bilaterais aconteceram com o intuito de discutir sobre a educação e o ensino de português e espanhol que resultaram em avanços importantes para implantação de um programa intercultural para as escolas de fronteira.

Segundo Silva e Torchi (2016), os esforços da última década para atender uma escola que promovesse uma educação intercultural bilíngue para os povos da fronteira

foram restritos ao Programa Escolas Interculturais de Fronteira – PEIF2, que por sinal deixou oficialmente de funcionar por falta de verbas do Governo Federal, no ano de 2015. (SILVA E TORCHI, 2016 p.111),

As Escolas de fronteira assumem essa condição mestiça por sua organização móvel e em contínua metamorfose, sempre à espera de miscigenações. É nesse lugar que a escola de fronteira está: onde a dúvida vive em estado de permanente instauração. As línguas em contato, as pessoas em contato, as culturas em contato.

De acordo com Ajala e Bueno (2016, p.118) fazendo uso das palavras de Silva e Torchi (2016), a fronteira é um universo singular caracterizada pelos conflitos, negociações e preconceito, mas também pelas misturas de culturas e línguas, que se manifestam através desse contato. É o lugar de trânsito e todos os dias moradores da fronteira e visitantes (cada um com sua carga cultural e linguística) cruzam a fronteira deixando a marca da sua cultura. (AJALA, BUENO, 2016, p.118)

Ao escolher um dos lados da fronteira para a sua escolarização, inevitavelmente alguns aspectos serão fortalecidos ou valorizados culturalmente em detrimento de outros, que poderão ficar obscurecidos, ainda que façam parte da identidade de cada aluno.

Diante desse panorama, a comunidade escolar - em meio a essa riqueza cultural - vivencia os dilemas e os contributos. Por um lado, os professores têm a oportunidade de trocar experiências, mas não estão preparados para lidar, conviver e trabalhar na perspectiva da inclusão e as diversidades, exceto os das escolas que estão inclusas no PEIF que têm um PPC permeado por essa perspectiva.

Nos contextos escolares de fronteira podemos observar várias tarefas sociais, entre elas a preocupação com a problemática da identidade cultural (tradições e línguas) dos estudantes e a inquietação de se criar meios para valorização e respeito entre todos, autóctones e migrantes de maneira que se contemple a pluralidade e a integração (PEREIRA, 2009). É com esse intuito que o estado de Mato Grosso do Sul aderiu ao PEIF.

## 4 LÍNGUA

O contexto histórico-social nas áreas de fronteira é extremamente rico, em especial no que diz respeito às línguas. Por isso não é tão simples rotular e especifica-las, principalmente a Língua Portuguesa, pois há diferentes concepções ou pontos de vista de nomeá-la tais como: língua materna, língua de fronteira, língua de imigração. Os sujeitos nativos podem reconhecer uma, duas, três ou até nenhuma dessas designações ao mesmo tempo, e por conta de serem termos formados em ambientes acadêmicos e escolares revela possibilidades e perspectivas teóricas, bem como diversas formas de condução para o trabalho pedagógico.

Nesse contexto, Sturza (2006) aponta que:

> O resultado da mistura das línguas funciona também por estar em relação com os falantes que se enunciam como práticas fronteiriças. Na fronteira, os sentidos das línguas, não são necessariamente os sentidos da língua nacional. O espaço de enunciação das línguas é um Espaço de Enunciação Fronteiriço. As línguas, então, estão constituídas de sentido que significam ainda mais quando se enunciam na fronteira, fronteira

> do transgredir e do integrar. Dizer e significar a fronteira, também, é dizer e significar outras fronteiras (STURZA, 2006, p. 60-61).

As línguas que discutiremos aqui não estão separadas da cultura, o interesse está focalizado no que ambas significam para as pessoas que vivem em comunidades de fronteira. Para abordar a situação das línguas na fronteira, definimos a questão das línguas em contato introduzindo o que entendemos por língua de fronteira. Um aspecto da reflexão que estamos propondo é um ponto de vista na perspectiva que vem das línguas de contato.

Nesse sentido, voltaremos ao tema das línguas em contato e introduziremos gradualmente uma abordagem teórica para estabelecer o contato linguístico como prática linguística construtiva, neste caso as derivadas do português e do espanhol em contatos nas fronteiras, inseridos no recorte geográfico; e o Portunhol como a língua de fronteira que nos exemplifica. Destacamos que falar um Portunhol tem sentidos muito específicos para a cultura da fronteira. Ele funciona para marcar politicamente como estes sujeitos querem se significar no mundo. De acordo com Sturza e Tatsch (2016) complementam

> A língua de fronteira, sendo ela designada de Portunhol ou não, é antes de tudo considerá-la uma língua que tem sentido para os sujeitos inscritos numa comunidade na qual estar entre uma língua e outra é constitutivo da sua relação identitária. [...] é um espaço de cultura transfronteiriça, a língua que se fala aí é um traço a mais para se significar no mundo. Do local para o global, pois desta fronteira como lugar periférico, a cultura e a língua nas suas especificidades, tornam a fronteira um novo centro de referência cultural (STURZA; TATSCH, 2016, pág. 98).

A fronteira é um universo único caracterizado por conflito, negociação e preconceito, e também uma mistura de culturas e línguas que se manifestam por meio desse contato. É um contexto no qual os sujeitos que atravessam a fronteira deixam suas marcas e sua cultura.

A fronteira é um universo único caracterizado por conflito, negociação e preconceito, e também uma mistura de culturas e línguas que se manifestam por meio desse contato. É um contexto no qual os sujeitos que atravessam a fronteira deixam suas marcas e sua cultura, criando um ambiente dinâmico e plural, onde as diferenças são tanto um desafio quanto uma fonte de enriquecimento. Essa convivência intercultural não apenas promove o diálogo e a troca de experiências, mas também fomenta um sentido de pertencimento que transcende barreiras geográficas e nacionais. Assim, a cultura fronteiriça emerge como um testemunho da resiliência humana, celebrando a diversidade e a capacidade de adaptação em um espaço onde as identidades se entrelaçam e se reinventam continuamente.

## 5 CULTURA

O Município em estudo, encontra-se na linha da fronteira com o Paraguai, configurando-se como um espaço singular onde se entrelaçam diferentes culturas e identida-

des. Essa posição geográfica estratégica coloca Sete Quedas em um contexto de constante interação entre os dois países, que, embora distintos, compartilham histórias e vivências que se cruzam ao longo da fronteira. A construção dessa relação histórica é marcada por uma oposição entre “nós e os outros”, o que, por um lado, ressalta as diferenças culturais, mas, por outro, também evidencia a rica diversidade que permeia essa localidade.

A cultura é um processo social essencial para a vida de uma sociedade, abrangendo muito mais do que um simples conjunto de práticas e concepções. Ela se manifesta em todos os aspectos da vida social e é inseparável do contexto em que se desenvolve.

> Cultura é a capacidade do ser humano de se relacionar com o tempo; diferenciar o presente, o passado e o futuro; lembrando o passado; construindo o futuro; é percepção ou maneira de defender o que é o bom e o mal, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso (CHAUÍ, 2008).

Na fronteira entre Sete Quedas e Pindoty Porã, o tereré, uma bebida típica paraguaia, é consumido diariamente, e é comum ver famílias e amigos reunidos em torno dessa bebida no final do dia. Na culinária, pratos como chipa e sopa paraguaia são frequentemente servidos, com a sopa paraguaia sendo especialmente significativa em eventos familiares e religiosos, como a Semana Santa, devido às suas características únicas de preparo e consumo. Além disso, a devoção à Nossa Senhora de Caacupé é uma prática comum tanto entre paraguaios quanto brasileiros, combinando tradições católicas com influências indígenas. O Chamamé, um estilo musical originário da Argentina, também é popular na região de fronteira.

De acordo com Santos (1987), a cultura é uma construção histórica que surge das interações humanas e não é um fenômeno natural ou exclusivamente biológico. Ela é, fundamentalmente, um produto coletivo resultante das experiências, dos relacionamentos e das narrativas compartilhadas por um grupo.

A cultura sofreu transformações no decorrer dos séculos e por meio dela, como pontua Santos (1987), vai se reconstruindo historicamente. Essa ideia corrobora com os estudos de Chauí (2008) e Forquin (1993) quando afirmam que por meio da cultura o ser humano se relaciona com o tempo e que não há possibilidade de ela não fazer parte da educação.

Uma fronteira representa muito mais do que uma mera divisão e unificação dos pontos diversos. Vai além do limite geográfico. É um campo de diversidades e o encontro com o ‘diferente’ físico e social. Nesse espaço que as relações se formam e se deformam. Completam-se e dão forma à diversidade, à cultura. Por meio de amizades e companheirismo formam-se famílias, amigos e irmãos. (SILVA, 2011, p. 63). Essa unificação entre os povos mostra a formação de uma cultura diversa, ou seja, uma miscigenação cultural, em que famílias são incorporadas e carregam traços de ambas as culturas, o que leva a desdobramentos na vida escolar de alunos fronteiriços.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse cenário complexo das fronteiras encontramos milhares de crianças e adolescentes convivendo em escolas brasileiras, com diversidades culturais e linguísticas. A Diante disso, é necessário descontruir conceitos pautados na ideologia dominante e construir ideias/práticas que fomentem o respeito e a valorização das diferenças dentro e fora das salas de aula, ou seja, valorizar cada sujeito, sua cultura e suas origens.

Para tanto é importante que o professor seja um mediador dos aprendizados no processo de construção do conhecimento voltado para transformações sociais, e a escola tem um papel social, pois é responsável por preparar os alunos para se tornarem cidadãos consciente de seu papel na sociedade.

Vale ressaltar que é importante respeitar as diferenças linguísticas que esses alunos trazem para o ambiente escolar, e para isso é necessário promover a convivência democrática entre as diferentes culturas que circulam na escola, integrando-as de forma a não anular sua diversidade por meio do enriquecimento mútuo proposto em modelos interculturais.

Este trabalho trouxe alguns pontos importantes para refletirmos sobre a educação nas escolas de fronteira, pois nesses âmbitos de ensino-aprendizagem interagem alunos vindos de outro país, com mobilidade transfronteiriça, juntamente com seus familiares. Eles formam comunidades escolares de maneira única e protagonizam ambientes.

Diante disso, é necessário construir ações e políticas de interação voltadas para cada realidade, onde professores e alunos, que são os atores desse cenário, tenham voz e vez, pois só assim teremos resultados positivos para ambos os lados da comunidade escolar.

Sendo assim, aponta-se a necessidade de estudos como este de modo de contribuir com a melhora do processo de ensino-aprendizagem, especificamente nas escolas de fronteira.

## 7 REFERÊNCIAS

AJALA J. M.; BUENO M. L. M. C. A Integração Regional e a Influência nos Programas Educacionais de Fronteira entre Brasil e Paraguai, Dourados, UFGD, 2016

ALMEIDA L. P.; SILVA A. M. V. Fronteiras, mobilidades e desigualdades: Uma reflexão sobre a escola de/na fronteira. Belo Horizonte, Psicol. rev. (Belo Horizonte) vol.25 no.2, ago. 2019

ANASTÁCIO, L. M. C.; JUNIOR, O. M. Educação e fronteira: possibilidades e desafios a partir da experiência do PEIF em Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY). Chapecó, Revista Pedagógica, v. 22, p. 1-20, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Escola de Fronteira. Site: .Acesso em: 12 de out. 2021.
CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre Educação Bilíngue e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil. D.E.L.T.A., Vol 15, Nº Especial, 1999.

CUNHA, K. F. Multilinguismo na Região de Fronteira: O Letramento da Criança Brasiguaia, Dourados – MS, 2020

CUNHA, K. F.; SILVA, T. O letramento da criança brasiguaia na escola brasileira de fronteira. Revista de Educação PUC-Campinas, v. 26, e214927, 2021.

FIAMENGUI A. H. R. Multilinguismo e preconceito na fronteira Porã: um estudo sobre atitudes e crenças linguísticas. São José do Rio Preto, 2017

IBGE - Censo Demográfico, 2021. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/pontapora. Acesso em: 13 de mai. de 2022

MICHAELIS- DICIONÁRIO: https://michaelis.uol.com.br › busca › português-brasileiro – Pesquisa em 14/05/2022

PEREIRA, J. H. V. A Especificidade de Formação de Professores em Mato Grosso do Sul: Limites e Desafios no Contexto da Fronteira Internacional. InterMeios: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.15, n.29, p.106-119, jan/jun. 2009

PESAVENTO, S. J. Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s). Revista Del Cesla, nº 8, pp. 9-19, Polônia, 2006.

OLIVEIRA T. C. M., Território sem limites estudo sobre fronteiras, Campo Grande, 2005

SILVA, N. B. P. R.; SANTOS, E. M. A. As dificuldades do processo de alfabetização do aluno brasileiro residente na Bolívia. Ipê Roxo. Jardim, ano 1, n. 1, p. 98-117, jul-dez, 2019.

SANTOS, A. R. D., A organização social das fronteiras: Etinografia do cotidiano fronteiriço Chuí /Chuy. Brasília, julho, 2006

STURZA, E. R.; TATSCH, J. A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem.